

NA CASA DE JUVENAL GALENO

JOÃO CLÍMACO BEZERRA

QUIS a “Casa de Juvenal Galeno” que êste humilde contador de histórias aqui viesse, em seu nome augusto, para saudar dois mestres dos mais destacados e ilustres no magistério e nas tetras nacionais. E, sob a emoção da honra insigne, mergulho nos “longos caminhos que dão para o tempo”, revendo-me criança dos bancos escolares nos deslumbramentos iniciais do impenetrável mistério da poesia e da beleza. Recordo, com a saudade avivada de doces lembranças, o menino que decifrava, tímido e gaguejante, nas páginas esquecidas do “Ano Escolar” do prof. Joaquim Nogueira, os versos cantantes de Beni Carvalho ou as palavras quase proféticas de Mozart Monteiro no seu antológico “Elogio da Dor”.

É preciso realmente ter nascido também às margens tranquilas de um dêسس anônimos rios secos do Nordeste, para sentir, na plenitude máxima da sua beleza, as estrofes de Beni Carvalho cantando o Jaguaribe da sua infância e dos seus folguedos.

“Claro, ao sol refulgindo, o Jaguaribe, lento,
Coleia, estuante, a arfar, as margens alagando...
Na praia, o coqueiral, move e fustiga o vento.

Ao longe, passa, a voar, de marrecas um bando...
O rio, ansiando mais, lança-se ao mar violento,
E o hino triunfal da Luz, ei-lo que vai cantando...”

Compreendo e sinto a emoção que invadiu o poeta no supre-

mo instante do estro criador. Porque, na verdade, na paisagem física e humana do sertão, o rio se converte na imagem maior de todos os instantes.

As suas margens, sempre verdes em meio ao descolorido do agreste, constituem uma perene sugestão de repouso e quietude. E à própria terra, vermelha e ensolarada, que se deixa enfeitar pela serpeante cicatriz da areia branca, areia tenra e macia como carne de mulher, êle transmite, viril e soberanamente, a ilusória impressão de eternidade e riqueza.

Se, no ardor da canícula, quando o sol esbraseia e verbera a terra, o rio parece o oásis que dessedenta e abriga o caminhan-te, nas noites tropicais do Nordeste, quando o céu é de uma beleza de endoidecer, com o seu imenso lençol de estrêlas ou suavemente iluminado à luz mortiça da lua.

“... o rio chora como alguém que sente
a saudade das terras de onde veio”.

Nós, os homens do Nordeste, vivemos indissolúvelmente presos à terra. Do seu sofrimento nasce a beleza que povoa os dias recuados da meninice, através de um lendário rico de originalidade e poesia.

Nêste solo calcinado e desventurado ainda vivem as tradições mais íntegras do homem brasileiro. Mínimo foi o contingente imigratório de raças alienígenas que pudesse, porventura, no processo natural de aculturação, mesclar as raízes das nossas tradições. E daí por que a literatura ou arte nascidas no Nordeste se impregnam de uma força telúrica jamais presenciada em qualquer outra região do país.

Eu gostaria de encontrar uma explicação para a escolha de Henriqueta Galeno, conferindo-me, nesta noite tão grata ao solar onde imperou o bardo Juvenal, a honra de representá-la na recepção de Beni Carvalho e Mozart Monteiro.

E a encontro somente no mesmo amor à terra que distingue a obra realizada e merecidamente enaltecida dos dois mestres

renomados e a tentativa que anima êste aprendiz de literatura para também contar a história e as lendas do sertão, povoado de santos, de heróis e de valentes.

Beni Carvalho viveu a terra através da sensibilidade de poeta. As noites estreladas, as matas verdejantes quando o solo se banha nas correntes fecundantes dos invernos; o rio que passa, ora manso, como doce cantiga de acalanto, ora bravio e terrível, na fúria arrasadora das águas insubmissas; o gorgear matinal dos pássaros nas sombras frondosas das árvores seculares ou a lua, muito branca, derramando-se sôbre a paisagem adormecida, qual mão de Nosso Senhor, espalmada na altura, abençoando o trabalho rude e incessante do homem e a abundância consoladora das colheitas. Tôda a sua poesia lembra a terra nordestina, com o seu sofrimento, com a sua angústia de gente judiada, mas com a sua esperança e com a sua fé imortais.

Daí por que êle canta o sonho, sob cujo império se deixa arrastar como fôlhas sêcas tangidas pelo vento:

“O sonho é a fôrça mágica da vida;
Ninguém pode fugir ao seu império,
Quer êle venha de um país etéreo
Quer de suprema lei desconhecida...”

Se às vêzes o amor, tecendo os fios enleantes da sua rêde imortal, arrasta o poeta para os domínios doirados do seu reino, também êsse amor se reveste da magia encantatória que reside no âmago das coisas e do chão do Nordeste:

A solidão intelramente aberto,
Dentro em meu coração, outrora, havia
Um longínquo ulular de ventania
E a tristeza infinita de um deserto.
Tu chegaste, porém. E eis que desperto
Dessa longa, amaríssima agonia
Pois, para mim, fôste o esperado dia
Todo de amor, e glória, e luz coberto.

Branca, meu ser, hoje, refulge! E a vida
 Glorífico por tí, que a espessa treva
 Me arrancaste da mente amortecida!
 E me vêm, de tua alma peregrina,
 A esperança suprema que me eleva,
 E o sereno esplendor que me ilumina!

E por uma irrecorrível associação de idéias, extasiado diante do sentido telúrico de que se impregna tôda a poesia de Beni Carvalho, eu me lembro do verso imortal de Bilac:

... amai para entendê-las
 pois só quem ama pode ter ouvido
 capaz de ouvir e de entender estrélas..."

Foi amando-a que Beni Carvalho sentiu e entendeu a sua terra natal, terra que tão digna e merecidamente êle representou nos mais altos da sua vida política, como Chefe do seu Executivo e como membro do Parlamento Nacional.

Mozart Monteiro, no contraste dos que não trouxeram a vocação irrecorrível da poesia, debruçou-se sôbre o passado da terra mártir, buscando, nas raízes da sua formação, luzes para melhor entendê-la, e, entendendo-a melhor, amá-la e exaltá-la com a mesma fôrça e com o mesmo culto de submissão e orgulho.

Se Beni Carvalho é o poeta que se fêz professor, Mozart Monteiro é professor que, no culto à terra do seu berço, atingiu os limites da poesia. É na cátedra, sem dúvida alguma, que êle, jornalista brilhante e orador vigoroso, vem realizando uma das obras mais sólidas e bem orientadas já aparecidas no Brasil.

Sua vida é a história mesma do cearense, na sua firmeza de propósitos, nos seus arrebatamentos, nas suas audaciosas investidas contra o destino. Adolescente ainda, singrou os verdes mares bravios para a aventura predestinadora do renome e da fama. E, na Capital da República, após concurso memorável, obteve a cátedra de História do Pedro II, revivendo o episódio do seu mestre e

mestre de todos os historiadores brasileiros, que foi Capistrano de Abreu.

Vocação de sociólogo, ajudado pela vasta cultura que lhe orna o espírito, pesquisador infatigável e lúcido, Mozart Monteiro cedo imprimiria, sob a inspiração da moderna historiografia, novas diretrizes, ao estudo da nossa formação étnica, social, política e econômica.

Ainda recentemente, através de uma série de eruditos e oportunos artigos publicados no suplemento literário de "O Jornal", Mozart Monteiro, sem sombra de exagêro, deu novas luzes à exegese do espírito e da obra de Capistrano.

Há, porém, um ponto de contacto que irmanar os dois homenageados desta noite. São êles dois mestres da nova geração, um apontando os rumos da justiça e do equilíbrio social, outro fazendo amar, com o maior e mais puro de todos os amores, a terra e a gente brasileira. Dois estilistas, amantes da forma e da beleza, presos ao ritmo e ao colorido da frase.

A ausência de rimas ou a forma da expressão não tiram, sem dúvida alguma, a nota poética dêsse trecho de Mozart Monteiro, no seu "Elogio da Dor".

"Venham, venham para mim as dores do mundo que me são destinadas, que eu, com o exemplo dos pobres sinos de igreja, que não são compreendidos quando choram, saberei guardá-las.

Forçado a planger, ainda assim, sofrendo muito, plangerei por tal modo, que o mundo, êste mundo imbecil em que me arrasto, pensará que eu rio."

A fôrça da arte reside na sugestão. E êste pequeno trecho, na sua singeleza e emotividade, parece trazer à nossa memória as pequeninas igrejas do sertão, de sinos humildes e festivos, plangendo pela madrugada na música anunciadora das alvoradas ou gemendo, às tardes tristes, dobrando a finados, pela alma de empedernidos e anônimos pecadores.

Dr. Beni Carvalho e Dr. Mozart Monteiro:

Pela minha voz está falando o Ceará intelectual, que aqui

acorreu para trazer-vos, com as suas homenagens, o calor da sua simpatia e da sua solidariedade; o culto do seu respeito e da sua admiração.

O vosso passado não deslustra o merecimento dessa homenagem nem o vosso presente desdoira a glória do vosso futuro.

A “Casa de Juvenal” vos saúda, ilustres cearenses, e confia que a vossa inteligência, a vossa cultura, os vossos exemplos continuarão a povoar as terras do Sul como o sinal mais sensível da vida e da grandeza do Ceará. Sêde henvindos.